



NATIONAL SENIOR CERTIFICATE EXAMINATION
NOVEMBER 2010

PORTUGUESE FIRST ADDITIONAL LANGUAGE: PAPER II

MARKING GUIDELINES

Time: 2 hours

70 marks

These marking guidelines were used as the basis for the official IEB marking session. They were prepared for use by examiners and sub-examiners, all of whom were required to attend a rigorous standardisation meeting to ensure that the guidelines were consistently and fairly interpreted and applied in the marking of candidates' scripts.

At standardisation meetings, decisions are taken regarding the allocation of marks in the interests of fairness to all candidates in the context of an entirely summative assessment.

The IEB will not enter into any discussions or correspondence about any marking guidelines. It is acknowledged that there may be different views about some matters of emphasis or detail in the guidelines, and different interpretations of the application thereof. Hence, the specific mark allocations have been omitted.

As respostas que se seguem não deverão ser consideradas como respostas modelo, mas apenas como sugestões de como os candidatos poderiam ter respondido.

Prestam-se, a seguir, informações gerais e concisas. Espera-se, obviamente, que os candidatos desenvolvam as questões na linha do requerido para a primeira língua adicional.

SECÇÃO A

Esta secção contém duas perguntas (1 e 2). Responda apenas a uma pergunta: Pergunta 1 OU pergunta 2.

PERGUNTA 1 DRAMA PEÇA DE TEATRO

Deus lhe Pague, de Joracy Camargo

Leia com atenção a passagem do primeiro acto da peça em epígrafe e responda às perguntas.

Mendigo – Deus lhe pague. *(Olha para dentro da igreja, para os lados, para então, ajeitar melhor os jornais, a "bengala" e o chapéu, tomando posição cômoda e definitiva pra o "trabalho" ... – Em seguida, entra OUTRO MENDIGO – mesma idade, mesmos farrapos, mas de aparência pior, porque revela um grande abatimento físico. É mesmo esquelético e faminto – MENDIGO, distraidamente, à passagem do OUTRO, estende-lhe o chapéu:)* Ah! *(Risonho)* Desculpe ... Não tinha reparado que o senhor é colega ...

Outro – Ainda não fiz nada hoje, velhinho. Tenho cigarros. Aceita um?

Mendigo – São bons?

Outro – Hoje, até as pontas que consegui apanhar são de cigarros ordinários! *(Tira do bolso uma latinha cheia de pontas de cigarros, abre e oferece.)*

Mendigo – Muito obrigado. Não fumo cigarros ordinários. Quer um charuto? *(Tira-o do bolso.)*

Outro *(Aceitando, espantado)* – Olá!

Mendigo – É Havana! Tenho muitos! Custam 10\$000 cada um.

Outro – Aceito, porque nunca tive jeito para roubar.

Mendigo – Nem eu.

Outro – Não foram roubados?

Mendigo – Foram comprados. Ainda não sou ladrão ...

Outro – Desculpe. É que ...

Mendigo – Não é preciso pedir desculpas. Não sou ladrão, mas podia sê-lo. É um direito que me assiste.

Outro – *(Sentando-se na escada)* – Acha?

Mendigo – Acho, mas sempre preferi trabalhar. Como trabalhar nem sempre é possível, resolvi pedir esmola, antes que fosse obrigado a roubar. Pedir dá menos trabalho.

Outro *(Alarmado)* – E é por isso que o senhor pede?

Mendigo – Só. O senhor conhece a história do mundo?

Outro – Não.

Mendigo – Antigamente, tudo era de todos. Ninguém era dono da terra e a água não pertencia a ninguém. Hoje, cada espaço de terra tem um dono e cada nascente de água pertence a alguém. Quem foi que deu?

Outro – Eu não fui ...

Mendigo – Não foi ninguém. Os espertalhões, no princípio do mundo, apropriaram-se das coisas e inventaram a Justiça e a Polícia ...

Outro – Pra quê?

Mendigo – Para prender e processar os que vieram depois. Hoje, quem se apropriar das coisas, é processado pelo crime de apropriação indébita. Por que? Porque eles resolveram que as coisas pertencessem a eles ...

Outro – Mas quem foi que deu?

Mendigo – Ninguém. Pergunte ao dono de uma faixa de terra na Avenida Atlântica se ele sabe explicar por que razão aquela faixa é dele ...

Outro – Ora! É fácil. Ele dirá que comprou ao antigo dono.

Mendigo – E o antigo dono?

Outro – Comprou de outro.

Mendigo – E este outro?

Outro – Do primeiro dono.

Mendigo – E o primeiro dono, comprou de quem?

Outro – De ninguém. Tomou conta.

Mendigo – Com que direito?

Outro – Isso é que eu não sei.

Mendigo – Sem direito nenhum. Naquele tempo não havia leis. Depois que um pequeno grupo dividiu tudo entre si, é que se fizeram os Códigos. Então, passou a ser crime ... para os outros, o que para eles era uma coisa natural ...

Outro – Mas os que primeiro tomaram conta das terras eram fortes e podiam garantir a posse contra os fracos.

Mendigo – Isso era antigamente. Hoje os chamados donos não são fortes e continuam na posse do que não lhes pertence.

Outro – Garantidos pela polícia, pelas classes armadas ...

Mendigo – Sim. Garantidos pelos que também não são donos de nada, mas que foram convencidos de que devem fazer respeitar uma divisão na qual não foram aquinhoados.

Outro – E o senhor pretende reformar o mundo?

Mendigo – Tinha pensado nisso, mas depois compreendi que a humanidade não precisa do meu sacrifício.

Outro – Por quê?

Mendigo – Porque o número de infelizes avoluma-se assustadoramente ...

Outro (*Sorrindo*) – E foi por isso que desistiu de reformar o mundo?

Mendigo – Foi. Abandonei a sociedade e resolvi pedir-lhe o que me pertence. Exigir é impertinência; pedir é um direito universalmente reconhecido. Dá prazer a quem se pede, não causa inveja. O senhor já reparou que ninguém é contra mendigo? Por que será? Porque o mendigo é o homem que desistiu de lutar contra os outros.

Outro – Os homens não precisam de nós ...

Mendigo – Precisam, senhor ... Como é o seu nome? Outro – Barata.

Mendigo – Precisam, mas não dependem; e é por isso que nos olham com ternura.

Outro – Ora! ... Quem é que precisa de um mendigo?

Mendigo – Todos! Eles precisam muito mais de nós, do que nós deles. O mendigo é, neste momento, uma necessidade social. Quando eles dizem: "Quem dá aos pobres, empresta a Deus", confessam que não dão aos pobres, mas emprestam a Deus ... Não há generosidade na esmola: há interesse. Os pecadores dão, para aliviar seus pecados; os sofredores, para merecer as graças de Deus. Além disso, é com a miséria de um níquel que eles adiam a revolta dos miseráveis.

Outro – Mas quando agradecem a Deus, revelam o sentimento de gratidão.

Mendigo – Não há gratidão. Só agradece a Deus quem tem medo de perder a felicidade. Se os homens tivessem certeza de que seriam sempre felizes, Deus deixaria de existir, porque só existe no pensamento dos infelizes e dos temerosos da infelicidade. Quem dá esmola pensa que está comprando a felicidade, e os mendigos, para eles, são os únicos vendedores desse bem supremo.

Outro (*Desanimado*) – A felicidade é tão barata ...

Mendigo – Engana-se. É caríssima. Barata é a ilusão. Com um tostãozinho, compra-se a melhor ilusão da vida, porque quando a gente diz: "Deus lhe pague ...", o esmoler pensa que no dia seguinte vai tirar cem contos na loteria ... Coitados! São tão ingênuos ... Se dar esmola, um mísero tostão, à saída de um "cabaret", onde se gastaram milhares de tostões em vícios e corrupções, redimisse pecados e comprasse a felicidade, o mundo seria um paraíso! O sacrifício é que redime. Esmola não é sacrifício! É sobra. É resto. É a alegria de quem dá porque não precisa pedir.

Outro – O senhor é contra a esmola?

Mendigo – Sou a meu favor e contra os outros. A sociedade exige que eu peça. Eu peço. E foi pedindo que me vinguei dela.

Outro – Como assim?! Mendigo – Porque, obrigado a pedir, fui obrigado a enriquecer!

Outro (*em segredo*) – O senhor é rico?!

Mendigo – Riquíssimo! Não tive outro remédio ...

Outro – Há de me explicar como foi obrigado a ficar rico.

Mendigo – A sociedade é muito defeituosa, meu velho. Pela lógica, o mendigo deveria ser sempre pobre. Pelo menos, enquanto fosse mendigo. Entretanto, pobres, realmente pobres, são os ricos. Pobres de espírito, pobres de tranqüilidade, de fraternidade, e, às vezes, até de dinheiro!

Outro – Não estou entendendo nada ...

(*O SENHOR que entrara na igreja sai, visivelmente preocupado, agitado, indeciso. OUTRO estende-lhe a mão:*) – Uma esmolinha pelo amor de Deus! ... (*O SENHOR não dá*).

Mendigo (*Estendendo-lhe o chapéu*) – Favoreça, em nome de Deus, a um pobre que tem fome! ... (*O SENHOR dá e sai agitadíssimo – O OUTRO irrita-se*) – Conhece esse sujeito?

Outro – Não.

Mendigo – É o Vieira de Castro, presidente do "consortium" das fábricas de tecidos. Milionário. Tanto quando eu! Observou a aflição desse homem, procurando igrejas a esta hora da noite? Sabe o que significa um momento de contrição religiosa de um milionário?

Outro – Não.

Mendigo – Egoísmo. Luta entre eles! Miséria! ... Pior do que a nossa!

Outro – Do que a minha?! ...

Mendigo – Sim, porque a minha faria inveja ao homem mais rico do mundo ... A minha miséria é a miséria mais confortável que há.

Outro – Mas não me explicou ainda como foi obrigado a fazer fortuna.

Mendigo – Pedindo e guardando. Fui obrigado a guardar, porque a sociedade me impedia de gastar. Esta roupa, que recebi como esmola, visto-a há 25 anos. Substituí-la por uma nova, seria desmoralizar a minha profissão... Logo, fui obrigado a economizar, pelo menos, o valor de dois ternos por ano ... cinquenta ternos. Vinte e cinco contos!

Outro – A 500\$000 cada um?

Mendigo – É quanto me custam agora ... Obrigado a comer os restos de comida que os outros me davam, calculo a minha economia, por baixo, em 6\$000 diários ... sem gorjetas.

Outro (*Fazendo cálculos*) – Cento e oitenta por mês ... 2 vezes nada, nada; 2 vezes 8, 16; 1 vez 1, 1; 6, 11 e vai, 2. Dois contos cento e sessenta por ano ...

Mendigo – Em 25 ...

Outro (*Novos cálculos balbuciando e contado pelos dedos*) ... Mais de 50 contos.

Mendigo – Acrescente agora outras despesas, como cinemas, teatros, esportes e certos luxos que me pareceram inconvenientes para um mendigo, e compreenderá como pode um mendigo enriquecer e um rico empobrecer.

Outro – Tem razão.

Mendigo – Nós vivemos acumulando as sobras da sociedade. E a sociedade pensa que as sobras não fazem falta ... É a ilusão do lucro, porque não há lucro. O que há é uma necessidade menor no momento em que o dinheiro é maior. Quando a necessidade aumenta, o que era lucro passa a ser prejuízo. Se o senhor não tiver necessidade de comprar um automóvel, não sentirá falta do dinheiro que ele custa. Se o senhor não tiver nenhuma necessidade, o dinheiro que tiver no bolso será lucro.

É sobra. Pouco se lhe dá deitá-la de fora. E nós, os mendigos, somos a lata de lixo da humanidade. [...]

Mendigo – É que o senhor não sabe corar ... Como é que o senhor pede esmola?

Outro – Como todos: "Uma esmola pelo amor de Deus!"

Mendigo – Isso é passadíssimo! ... Ninguém mais ouve esse pedido. Deus é uma palavra sem expressão. Quando se diz "Ai meu Deus" – é como se estivesse dizendo: "Ora bolas!" O senhor nunca ouviu um ateu dizer: "Graças a Deus sou ateu"?

Outro – Já.

Mendigo – Pois então? Hoje, poucos compreendem o valor dessa expressão. Fale em fome. Fome é mais impressionante. Há mais de 30.000.000 de famintos no mundo! Mas fale em fome, sempre onde não haja pão ou comida.

Outro – Para quê?

Mendigo – Para que eles lhe dêem dinheiro. O senhor, com certeza, tem mendigado a domicílio ...

Outro – Realmente, sempre vivi percorrendo casas de família.

Mendigo – É um mal. Quem mendiga a domicílio não faz carreira. Só dão pratos de comida e restos de pão. Adote o meu sistema. Especializei-me em transeuntes e portas de igrejas em dia de missa de defunto rico. Leia os jornais, Pelos anúncios, calculo a fêria do dia. (...)

1. O Mendigo oferece um Havana ao outro mendigo. Como explica que lhe pudesse oferecer charutos tão caros? (5)
 2. O que levou o mendigo a dedicar-se à mendicidade? (10)
 3. Explique o que, de acordo com a perspectiva do Mendigo, significa a expressão *Deus lhe pague*. (10)
 4. Explicite agora a filosofia de vida do Mendigo. (10)
- [35]**

Nas respostas, os candidatos terão de demonstrar conhecimento profundo da obra e responder de acordo com tal conhecimento. Admitem-se várias respostas, desde que possam ser corroboradas à luz do texto.

OU/OR

PERGUNTA 2 CONTO
SHORT STORY

"O Tesouro", de Eça de Queirós

Ora, na Primavera, por uma silenciosa manhã de domingo, andando todos três na mata de Roquelanes a espiar pegadas de caça e a apanhar tortulhos entre os robles, , enquanto as três éguas pastam a relva nova de abril — os irmãos de Medranhos encontraram, por detrás de uma moita de espinheiros, numa cova de rocha, um velho cofre de ferro.

Efectue um ensaio submetido aos seguintes tópicos:

- Caracterização dos três irmãos e dos laços de amizade que existem entre eles
- O simbolismo do velho cofre de ferro
- A maneira como o conto termina
- Conclua elaborando sobre o seguinte: ter-se-á gerado um conflito entre os irmãos?

Como remate em chave de ouro, a conclusão do seu ensaio deverá levá-lo ao primeiro ponto acima indicado. (35)

Esperam-se respostas equilibradas e que demonstrem conhecimento do conto.
Aceitam-se respostas diversas, desde que possam ser consubstanciadas à luz do texto.

35 marks

SECÇÃO B **POESIA**
POETRY

Leia com atenção os poemas que se seguem e responda cuidadosamente às perguntas.
Responda aos dois poemas (Pergunta 1 e Pergunta 2).

PERGUNTA 1

«Vem por aqui» – dizem-me alguns com olhos doces,
Estendendo-me os braços, e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse quando me dizem :«vem por aqui»!
Eu olho-os com olhos lassos,
(Há nos meus olhos, ironias e cansaços)
E cruzo os braços,
E nunca vou por ali ...

A minha glória é esta:
Criar desumanidade!
Não acompanhar ninguém.
— Que eu vivo com o mesmo sem vontade
Com que rasguei o ventre a minha Mãe.

Não, não vou por aí! Só vou por onde
Me levam meus próprios passos ...
Se ao que eu busco nenhum de vós responde,
Por que me repetis; «vem por aqui»?
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí ...

Se vim ao mundo, foi
Só para desflorar florestas virgens,
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!
O mais que faço não vale nada.

[...]

Ide! Tendes estradas,
Tendes jardins, tendes canteiros,
Tendes pátrias, tendes tectos,
E tendes regras, e tratados, e folósofos, e sábios.
Eu tenho a minha Loucura!
Levanto-a, como um facho, a arder na notie escura,
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios ...

[...]

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!
Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga; «vem por aqui»!
A minha vida é um vendaval que se soltou.
É uma onda que se alevantou.
Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou,
— Sei que não vou por aí!

[Cântico Negro, José Régio]

1. Pode dizer-se que o poema acima constitui o programa de vida do sujeito-poético. Abstraia as linhas desse programa. Transcreva versos que corroborem a sua resposta. (5)
2. Efectue o retrato psicológico do sujeito-poético. (5)
3. A minha vida é um vendaval que se soltou. / É uma onda que se alevantou.
 - 3.1 Identifique a figura de estilo utilizada nos versos acima. (2)
 - 3.2 Defina essa mesma figura de estilo. (3)
 - 3.3 Explique agora os dois versos acima transcritos. (5)

Atendendo à classe etária da maioria dos candidatos, espera-se que desenvolvam a temática da afirmação da identidade. As respostas devem demonstrar conhecimento profundo do poema.

E/AND

PERGUNTA 2

«Poema do futuro cidadão», de José Craveirinha

Vim de qualquer parte
de uma Nação que ainda não existe.
Vim e estou aqui!

Não nasci apenas eu
nem tu nem nenhum outro ...
mas Irmão.

Mas
tenho amor para dar às mãos cheias.
Amor do que sou
e nada mais.

E
tenho no coração
gritos que não são meus somente
porque venho de um País que ainda não existe.

Ah! Tenho meu Amor a todos para dar
do que sou.
Eu!
Homem qualquer
Cidadão de uma Nação que ainda não existe.

Interprete o poema acima transcrito. Para essa interpretação, leve em conta os recursos estilísticos empregados, a expressão linguística, a pontuação e todos os outros processos poéticos que forem pertinentes para a tradução da mensagem. Consusbtancie todas as suas afirmações. O seu ensaio deve constituir um todo coerente com introdução, desenvolvimento e conclusão.

(15)

A análise deve demonstrar conhecimento da temática: o anseio pela independência do seu país, a expulsão do colonizador, o desejo de solidariedade e de partilha, os sentimentos reprimidos e o sentimento de pertença.

35 marks

Total: 70 marks